



**Honra e desonra na sociedade dos brancos: o processo de disjunção no conto
“Clara dos Anjos” de Lima Barreto**

Honor and dishonor in the whites's society: the disjunctive process in the tale “Clara dos Anjos” by Lima Barreto

Jonatan de Souza Santos¹

Resumo: No trabalho analisamos o conto “Clara dos Anjos” do escritor Lima Barreto, publicado na coletânea *Histórias e Sonhos*. Em uma abordagem semiótica, observamos o processo de disjunção na história da personagem Clara.

Palavra-Chave: Lima Barreto; conto; Clara; disjunção.

Abstract: In the work, analyse the Lima Barreto's tale, “Clara dos Anjos”, published in book “Histórias e Sonhos”. In semiotic approach, observe the disjunctive process in the history of the personage Clara.

Keywords: Lima Barreto; tale; Clara; disjunction.

1 Introdução

Tomamos como objeto de análise o conto “Clara dos Anjos” do escritor Lima Barreto, da coletânea *Histórias e Sonhos*, do livro publicado em 1920 pela editora de Gianlorenzo Schettino e mais tarde em 1956 pela editora Brasiliense através da brilhante organização das “Obras de Lima Barreto” por Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcânti Proença.

Obra composta de narrativas caracterizadas pelos aspectos crítico-sociais, cujo narrador realiza seu relato na expressão satírica, irônica e humorística, ao tratar as sutilezas e os costumes de uma sociedade constituída de burocráticos, políticos, literatos e universitários; personagens que se definem como alvo de análise ao olhar crítico do narrador satírico.

Trata-se, pois, de uma coletânea de contos que se realiza no tom de denúncia ao mundo de injustiças e corrupções. A narrativa limabarretiana revela os problemas de uma realidade hostil, meio de injustiças que separa o espaço central privilegiado pela classe socioeconomicamente favorecida e o espaço marginal desfavorecido. É nesse contexto de desnível social representado que o narrador de “Clara dos Anjos” mostra uma personagem submetida a um destino determinado.

Na ficção do autor, é denunciado o ambiente social que se submete ao interesse de novo modelo político, assim como o sistema literário da época com o fim de somente representar pequenas causas triviais em um seio de família burguesa. Na contramão de uma corrente de entusiasmo diante da república brasileira, a voz de Lima Barreto se apresenta em “Clara dos Anjos” denunciando a condição de uma vítima de preconceito.

¹Doutorando em Estudos Literários, FCLAr, Unesp.

A narrativa apresenta a história de Clara, jovem habitante do subúrbio carioca, filha do carteiro Joaquim dos Anjos. O narrador reconhece a personagem no caráter de pureza espiritual, previamente protegida pela família, guardada com honra tradicional, e respeitada pelos amigos vizinhos. Estes reconhecem o esforço de Joaquim dos Anjos, homem de bem que adquire o lar com o resultado do trabalho suado, formando a família com muito cuidado, e criando a filha com toda a atenção e carinho.

Segundo o narrador, Clara é uma bela mestiça resultado de traços físicos combinados do pai e da mãe, tornando-se atraente para os rapazes. É no encontro entre amigos de jogos e cantarolas que surge a oportunidade de um malandro. Na festa de aniversário de Joaquim dos Anjos, aparece Júlio, rapaz que toma o violão, canta versos de modinhas e atrai Clara para uma paixão. Cartas são enviadas e o rapaz consegue o que queria: uma noite para fazer amor. A gravidez torna-se trágica no seio da família dos Anjos, o drama de Clara se revela, marcado pelo abandono e indiferença numa sociedade preconceituosa.

A partir desse enredo, é possível realizar uma análise semiótica, considerando o modelo greimasiano que define a relação entre sujeito e objeto de valor, antes fazendo-se necessário tratar da condição social da protagonista.

2 A condição social de Clara

Na leitura de “Clara dos Anjos”, nota-se a realidade de condição social dos personagens. O carteiro Joaquim dos Anjos constrói sua moradia no subúrbio carioca, lugar considerado não privilegiado pela sociedade burguesa carioca. Considera-se, também, que a mentalidade da *belle époque* é percebida no aspecto temporal identificado na narrativa, momento privilegiado da vida cosmopolita e europeizada dos primeiros anos do século XX.

O Brasil passa por momentos de modernização do Rio de Janeiro, europeização e formação de uma burguesia arrivista e burocrática; e, ao pensar no arrivismo, é possível ressaltar a crítica de Lima Barreto a esse fenômeno, por meio da representação do personagem Júlio, ligado a uma família mais rica, desobediente à justiça. Clara dos Anjos, filha do carteiro, moça do subúrbio, enganada pelo malandro Júlio, é habitante da área periférica da cidade carioca.

A condição social de Clara nos faz refletir sobre o drama diário de moradores suburbanos: o preconceito que se avulta no começo do século XX, revelado na ficção limabarretiana. É por isso que Lima Barreto pode ser considerado aquele que abre portas para a representação do subúrbio, no intuito de cumprir papel militante contra o mundo cosmopolita intolerante e baseado nos seguintes princípios:

A imagem do mestiço contém, para os estudiosos da época, a reunião de defeitos e taras recebidos por herança biológica. Daí a concepção de qualidades típicas do elemento brasileiro enfatizar a apatia, o desequilíbrio moral e intelectual, a inconsistência; além disso, as noções de raça e meio explicavam, cientificamente, a sexualidade do mulato, a austeridade do mestiço [...] (FIGUEIREDO, 1995, p. 91)

Estas concepções científicas demonstra uma mentalidade retrógrada e

preconceituosa que não acolhe a personagem Clara quando está grávida; após ter sofrido a maldade do malandro, é desamparada. Imaginemos uma outra situação: uma personagem moça, branca, filha de rico burguês, moradora de rico bairro; se esta fosse enganada pelo mesmo malandro, o que aconteceria? Quais providências seriam tomadas? Júlio seria punido? Essas reflexões sobre a condição da personagem nos levam a contemplar o mundo denunciado por Lima Barreto, aonde a justiça não funciona para todos.

Esta condição a qual se enquadra a personagem torna-se *leitmotiv* na composição da narrativa, fazendo com que Lima Barreto viesse a realizar uma de suas obras literárias mais reconhecidas e, posteriormente, projetada para romance. Nessa postura denunciativa, parece que o narrador prevê o destino de uma jovem arruinada, dentro de um “oráculo suburbano”.

A partir dessas observações, vê-se que o processo de disjunção acontece na trajetória da personagem, considerando o que ela tinha e perdeu, o momento da inocência e ingenuidade e o momento da frustração de um sonho.

3 A honra de Clara: o objeto de valor

Além de apresentar Clara em condição social periférica na sociedade preconceituosa, o narrador ressalta valores éticos nos personagens do subúrbio carioca, como a honestidade do carteiro Joaquim dos Anjos e sua trajetória de esforço num trabalho suado para adquirir o lar e sustentar a mulher e a filha.

Clara dos Anjos é moça protegida pela mãe, respeitada pelos amigos do pai, possuidora da ingenuidade, pureza e virgindade. Consideramos esta última, na presente análise, como objeto de valor. No início da história, o cotidiano dessa família é detalhado; trata-se da família (dos Anjos) honesta. Portanto, ao conferir a situação inicial relatada no conto, estamos diante de uma circunstância estável, Clara é muito jovem e ainda não é vítima do futuro engano:

Eram casados há quase vinte anos, mas só tinham uma filha, a Clara. [...] Na tez, a filha puxava o pai; e no cabelo, à mãe. Na estatura, ficara entre os dois [...] A filha, a Clara, tinha ficado em tudo entre os dois; média deles, era bem a filha de ambos [...] Com dezessete anos, tanto o pai como a mãe tinham por ela grandes desvelos e cuidados (BARRETO, 1961, p. 181-182)

Outro detalhe importante é que a família dos Anjos, apesar de não atingir grande poder financeiro, se mantém no orçamento organizado (por isso, a estabilidade), se sustentando pela segurança do trabalho de Joaquim dos Anjos, homem que é detalhado pelo narrador como um empregado dedicado no mantimento do bem-estar familiar; exemplo que podemos citar é a aquisição do lar, conquistada no pagamento de parcelas:

Tratou de vender as terras que tinha no local de seu nascimento e adquirir aquela casita de subúrbio, por preço módico, mas, mesmo assim, o dinheiro não chegara e o resto pagou êle em prestações. Agora, e mesmo há vários anos, estava de plena posse dela. Era simples a casa. (BARRETO, 1961, p. 179)

Desse modo, podemos perceber que ainda que Clara ocupe uma condição desprivilegiada nessa sociedade preconceituosa, ela se encontra acolhida; ao mesmo tempo que, é preciso acrescentar, esta mesma sociedade valoriza, no seio de uma mentalidade paternalista, a virgindade que honra as mulheres antes do casamento; no início da história, Clara ainda é possuidora dessa virgindade.

Portanto, nessa situação inicial, é possível enquadrar a personagem em um determinado estado favorável. A virgindade de Clara é objeto de valor. Nesse sentido, compreende-se a trajetória, considerando a observação de Bertrand (2003, p. 291): “[...] conjunção (quando o sujeito possui o objeto, está conjunto com ele) e disjunção (quando o sujeito é privado do objeto, está disjunto dele).”.

No início da história, Clara dos Anjos é possuidora do objeto de valor e se encontra no estado conjuntivo. Esse objeto lhe dá honra dentro de um contexto cultural em que a imagem de uma moça virgem é zelada e a imagem de uma mulher não virgem fora do casamento é desprezada.

Até o nome, “Clara”, sugere o sentido que Lima Barreto aplica ao estado inicial da personagem protagonista: aquilo que é ingênuo; também abre possibilidade para melhor compreender seu perfil; talvez o escritor quis conjugar o seu nome com as seguintes características encontradas no conto, “Clara era doce e meiga; inocente e boa” (BARRETO, 1961, p. 188); uma outra possibilidade a pensar sobre este nome é a reflexão que Lima Barreto quer despertar no leitor. Por que somente o claro pode significar “pureza”, considerando que a jovem mestiça é de bom caráter?

O fato é que esta personagem representa uma ovelha que, para seu pai Joaquim, não podia ultrapassar alguns perímetros da cidade, passando por um crivo paternal cuidadoso: “Apesar de ser assim decente, Clara não ia à venda; mas o pai, em alguns domingos, permitia que fosse com as amigas ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro” (BARRETO, 1961, p. 183).

Já na mudança de estados da história, nota-se que esse objeto de valor é perdido.

4 Feitiço e dano: perda do objeto de valor

A inversão das situações na narrativa tem seu princípio quando aparece Júlio, malandro, mal sujeito, molestador de várias meninas, portador de um passado ilegal. Apesar de contar com o apoio de sua mãe, conduz ilicitamente seus negócios resumidos na briga de galos.

O cantor de modinhas é convidado para se apresentar na festa de aniversário de Joaquim dos Anjos. O poder de sedução é capaz de atrair vários corações de moças de família:

E começou com uma voz muito alta, quase berrando, a modinha, para depois arrastá-la num tom mais baixo, cheio de mágoa e langor, sibilando os “ss”, carregando os “r” das metáforas horrendas de que estava cheia a cantoria. A cousa, era, porém, sincera; e mesmo as comparações estrambóticas levantavam nos singelos cérebros das ouvintes largas perspectivas de sonhos, erguiam desejos, despertavam anseios e visões douradas. Acabou. Os aplausos foram entusiásticos e só Clarinha não aplaudiu, porque, tendo sonhado durante toda a modinha

ficara ainda embevecida quando ela acabou... (BARRETO, 1961, p. 185)

O seu canto de modinha cumpre o papel encantatório, Júlio assume a figura do conquistador malévolo; é como se um feitiço fosse posto no coração de Clara dos Anjos durante a apresentação na festa de aniversário. Ela é enfeitiçada pelo malandro que a cobiça vendo, com olhos sedentos, os “seios empinados” (BARRETO, 1961, p. 184).

O primeiro encontro de Júlio já provoca desequilíbrio emocional, dando margens para futuras consequências; é isto que o malandro quer, porque visa fazer mais uma vítima. O perfil do antagonista é revelado ao leitor, quando o narrador assim o descreve:

Mais de uma vez, êle se vira a braços com a polícia por causa de defloramentos e seduções de menores [...] vivia no porão da casa ou nos fundos da chácara onde tinha gaiolas de galos de briga [...] o tipo completo do vagabundo doméstico, como há milhares nos subúrbios e em outros bairros do Rio de Janeiro (BARRETO, 188-189)

No entanto, Clara dos Anjos permanece desprovida dessa consciência, nem seus pais conseguem identificar o perigo a ponto de se desviar da maldade de Júlio. Isso nos mostra o quanto a audácia do rapaz é eficaz e capaz de concretizar os planos de acordo com pensamento malicioso. É como se ele fosse um cavalo de Tróia² a entrar em um lugar cercado para depois atacar.

Júlio utiliza seu canto encantatório e se mostra bom mocinho. O malandro tem a capacidade da persuasão, da audácia, do convencimento, e no seu discurso encantatório sempre está presente a intenção sexual. Do canto, este envolvimento se desenvolve em movimento das cartas:

Contudo a missiva fez estremecer toda a natureza virgem de Clara que, com a sua leitura, sentiu haver nela surgido alguma coisa de novo, de estranho, até ali nunca sentida. Dormiu mal. Não sabia bem o que fazer: se responder, se devolver. [...] As visitas de Costa tornaram-se mais demoradas e as cartas mais constantes (BARRETO, 1961, p. 186-187)

Gradativamente, Júlio procura realizar o objetivo de fazer amor, consumir o ato que desejava muito, isto é, concretizar o dano. Até que a personagem Clara é cercada pela persuasão do encantador:

Queridinha confeço-te que ontem quando recebi a tua carta minha mãe viu e fiquei tão louco que confecei tudo a mamãe que lhe amava muito e fazia por você as maiores violências, ficaram todos contra mim é a razão que previno-te que não ligués ao que lhe disserem, por isso pesso-te que preze bem o meu sofrimento [...] Pense bem e veja se estás resolvida a fazer o que lhe pedi na ultima cartinha (BARRETO, 1961, p. 189)

Mesmo com palavras pouco elaboradas, Júlio consegue conquistá-la em sua eloquência, apresentando argumentos: 1) o conhecimento da mãe; 2) o amor que sente; 3) uma prova de amor; 4) apelos. Seu discurso tem o objetivo de convencer Clara a realizar o desejo sexual.

² Leia-se Livro 2, Eneida, Virgílio. Faço apenas uma metáfora.

As palavras de Júlio envolvem Clara ao ponto de ceder ao dano; o recurso musical e o recurso epistolar tornam-se elementos de sua arma para destruir a honra da moça. Desse modo, o plano se concretiza, o pedido é aceito:

A carta produziu o feito esperado por Júlio. Choro, palpitações, anseios vagos, esperanças nevoentas, vislumbres de céus desconhecidos e encantados – tudo isso aquela carta lhe trouxe, além do halo de dedicação e amor por ela com que Clara fez resplandecer, na imaginação, as pastinhas do violeiro. (BARRETO, 1961, p. 190)

Nessa façanha, Clara dos Anjos perde a virgindade, isto é, perde o objeto de valor; passa de um estado favorável ao desfavorável, de um estado de “conjunção (quando o sujeito possui o objeto)” (BERTRAND, 2003, p. 291) a um estado de “disjunção (quando o sujeito é privado do objeto)” (BERTRAND, 2003, p. 291).

É nessa situação que a honra de uma sociedade patriarcal se despede da personagem, fazendo-a agora desprovida de qualquer direito de sonhar; pois em meio a condição social, somente sua virgindade era capaz de promover futuro casamento promissor.

A perda do objeto de valor se configura no dano de forma completa; por isso, considera-se, também, o abandono. Essa situação torna-se somente prejudicial para Clara, assim como a toda mulher submetida à experiência semelhante dentro de uma sociedade preconceituosa e machista.

Clara dos Anjos, nesse momento, pertence a uma circunstância que pode ser compreendida nos termos de Greimas (1973, p. 265):

A redução, tal como a operamos, exigiu, ao contrário, uma interpretação paradigmática e acrônica das relações entre as funções, de fato, só é válido se a relação de implicação: ‘não s – s’ puder ser transformada, pela existência, no conteúdo sêmico das funções acasaladas, de uma relação de disjunção, em ‘s vs não s’

Percebe-se, à luz dessas observações, que a personagem Clara sofre esse processo de inversão de situações, não no sentido de que ela passa a possuir algo positivo, mas no modo como perde este algo positivo, que é a virgindade (símbolo de honra). No final da história, Clara reconhece o engano, o abandono, a brutalidade da família de Júlio, isto é, os defeitos de uma sociedade patriarcal e preconceituosa que frustra inocentes, e declara “ – Mamãe, eu não sou nada nesta vida.” (BARRETO, 1961, p. 191).

Nessa fase de reconhecimento, os olhos de Clara não são mais ingênuos; a partir daí, toma consciência de sua condição, do mundo que a cerca, das injustiças de um país corrupto; isto nos faz lembrar Isaías Caminha no romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*: o personagem que vem para o Rio de Janeiro e se frustra diante de condições imorais.

A personagem expressa seu lamento na tristeza de um abandono, ao lado da mãe e ao lado do próprio choro. Nessa situação final, ela encontra-se não somente abandonada pelo seu Júlio, mas abandonada pela sociedade preconceituosa que, também, abandona seus habitantes suburbanos.

Aquela que se encontrava protegida na proteção paterna e carinhosa, sente

insegurança em um mundo injusto. É essa transformação de honra à desonra que Lima Barreto pretende apresentar, na intenção de denunciar o preconceito refletido até mesmo nas decisões judiciais, aonde a impunidade ao branco e a punidade ao negro se fazem presentes em uma república coronelista de início do século XX.

“Clara dos Anjos” revela a dificuldade de ser mulher, mestiça, pobre e suburbana em um Brasil cujas marcas do preconceito ainda permaneceram. É projeto de Lima Barreto fazer com que o leitor perceba a realidade social trágica diante do destino de Clara que tem desfecho na tristeza do abandono.

5 Conclusão

É possível concluir que, na análise de “Clara dos Anjos”, os aspectos encontrados na estrutura narrativa (a condição social de Clara que nos dá noção da circunstância representada, o objeto de valor que nos faz compreender a situação inicial da história e sua perda que nos mostra o processo de mudança de estados) são utilizados por Lima Barreto no intuito de melhor representar as condições sociais de seu tempo.

É nessa representação que o escritor consegue, por meio da personagem Clara, dar voz ao suburbano na literatura brasileira em princípios do século XX; em caráter de denúncia, jamais deixou a qualidade de seu estilo de escrita, aplicando, como vimos, os recursos narrativos adequados para ilustrar o drama vivido em uma sociedade preconceituosa, uma sociedade carente de conscientização, uma sociedade sedenta de comunhão.

Bibliografia

- BARRETO, L. **Histórias e sonhos**. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.
- FIGUEIREDO, C. L. N. **Lima Barreto e o fim do sonho republicano**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. p. 91.
- GREIMAS, A. J. **Semiótica Estrutural**. Trad. Haquira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.